

tão pouco de Direito Natural; é de origem ecclesiastica, e a Igreja pôde muito bem supprimil-o e dispensal-o. Foi uma medida justa, como julgamos, em quanto foi necessaria, hoje que a sua inutilidade é patente, torna-se perniciosa.

Para o sacerdote que tinha de marchar resolute e firme para a catechese de barbaros, as lagrimas da esposa e filhos erão um empecilho. Para que havia de partilhar com elles essas afflicções a que se arriscava?

Atirado no meio das fêras, cercado pelas labaredas que o devoravão, gemendo nas torturas que lhe preparava o paganismo grosseiro, o monge talvez se esquecesse de Deos para se lembrar que era esposo e pai, e que deixava no desamparo sua familia entregue a todos os horrores da barbaridade pagã!

O christianismo caminhava na sua sublime obra: precisava de homens devotados de corpo e alma, e inteiramente livres de todo o pensamento terrestre, a Igreja entendeu então que devia adoptar o celibato.

Os defensores do celibato sustentão que é incompativel com o matrimonio: o sacerdote, além das orações e do culto aos altares, deve, como diz Bergier, administrar os sacramentos, sobre tudo a penitencia, instruir por seus discursos e exemplos, e assistir aos enfermos. Nada vêmos porém aqui que possa impedir o fiel cumprimento dos deveres impostos pelo matrimonio.

O clerigo ao sair do seu domicilio para o altar, deixa no limiar d'aquelle todo o pensamento terrestre, para elevar seu espirito ao Altissimo, já não é o homem que falla, é o sacerdote que explica o mysterio da religião, é o seu interprete!

O christianismo está prestes a chegar á sua baliza, a vida do sacerdote hoje é tranquilla, os perigos passarão, o socego appareceo com a civilisação.

A diminuta população dos paizes respeitadores do celibato, em vista d'aquelles que renegão d'esta instituição, ainda serve de prova contra o celibato. Mas se nos responde a Italia que adopta esta medida é muito populosa; respondemos

que a Italia, encerrando a séde papal, está *ipso facto* mais concorrida de ecclesiasticos, que, contrarios ao matrimonio, conseguem por um meio illicito aquillo que deverião obter sancionado pela religião.

Terminaremos aqui, e não mostraremos a inutilidade e as más consequencias de semelhante instituição hoje: sómente diremos que a não abolição do celibato clerical, aparta da Igreja grande parte de moços intelligentes, que de muito proveito lhe serião, pois estão conscios de que não poderão vencer perfeitamente as tentações da carne; mas poder-se-nos ha dizer, a Igreja dispensa aquelles que por ella não podem fazer um sacrificio: responderemos, que em lugar de ser censurado, deve merecer elogio todo aquelle que conhecendo a impossibilidade de cumprir perfeitamente um cargo, prefere frustrar-se a elle do que procural-o.

Oxalá que nossa Igreja se compenetrasse d'esta verdade, attestada por tantos seculos.

G. Mancebo Junior.

LITTERATURA.

DALZO.

Era uma noite de inverno.

O céu estava escuro, e velado por nuvens negras e immoveis, que derramavão rios de uma agua pesada e fria.

A cerração de um pardacento sombrio cobria as florestas da serrania.

O vento dormia nas grutas, e as folhas nas arvores dormião tambem.

A noite repousava em seu leito de sombras, e apenas se ouvia o bater da chuva no chão escavacado dos precipicios.

Comtudo lá pelo pendor de um despenhadeiro vai um vulto ligeiro.

Quem és tu, que te embuças com esse céu sombrio, como com um manto de inverno?

Dalzo.

Elle cavalga como sobre o dorso d'esses jorros despenhados dos fraguados que o cercão.

A tréva dessa deshoras enrija-se-lhe á vista como uma cortina negra; mas seu olhar penetrante alonga-se, como um raio de luz, pelas matas escuras da serra.

Lá bem longe, talvez na aba de algum monte carcomido pelas aguas, tremúla debil flamma, que morre e revive á espaços, como os ais do moribundo ao arrebentar da vida.

A noite é medonha; mas esse cavalleiro ousado atira-se por veredas estreitas, escorregadias como o bojo da serpente; vence, passa como um meteoro sinistro, e com seu cavallo rijo e valente pára debaixo de um telheiro escuro. Empurra uma porta pesada e firme, e entra.

Queres vê-lo?

O clarão baço de uma lampada quebrada cobre esse chão descalço com um manto esgazeado de luz.

Dalzo está em pé. A agua da chuva goteja de suas roupas molhadas. Elle tira seu chapeo, enxuga sua fronte suada, e sacode seu capote comprido.

Vês-lo? E' um mancebo. Ahi no semblante sereno, no olhar calmo e seguro, reverbera-se-lhe nua uma alma de valente; ahi n'essa fronte ousada e bella reço-mão-lhe á eito mil effluvios de um ser de poeta. Como na lympha da fonte se estampa a sombra das arvores que a bordão; assim n'essa physionomia de joven ainda está assellada a brandura de um coração angelico, e a força de um espirito magnanimo, attributos que se fundem no sublime da alma, como o ouro no rico aderêço da donzella. Seus cabellos pretos e revoltos lhe cahem sobre a fronte morena, como uma nuvem negra, que pousa sobre o cabeça escuro da montanha.

Dalzo, que idéa occupa esse cérebro palpitante, que faz assim tremer os adytos de teu peito?

Pensamento feliz.

Sim, vens depois de um anno de ausencia ao encontro de teu amigo Eglio, mancebo como tu, que te ama como

amaste teu pai já morto, tua mãe já de outra vida, que tu amas como teu unico bem na terra com esse amor santo de poeta ao ideal, talvez mais puro do mundo — um amigo. — Elle está talvez ahi; talvez durma em um sonho em teu regaço, e amanhã te virá abraçar ainda uma vez em sua vida. Tu o crês.

O mancebo ergue a lampada amortecida, e atravessa um corredor longo e escuro; disseras, ao vê-lo assim, ser alguma sombra perdida, que procura seu leito em um jazigo de mortos.

Esta antiga hospedaria está talvez abandonada. Nem um passo! nem uma voz!

Dalzo a percorre. Está deserta. Mas... não... elle pára... elle espreita.

O que vês, temerario nocturno?

Lá dentro é um terreno de barro preto. Está um negro sentado em um cepo. Junto d'elle está uma luz, e ao clarão d'essa luz, semelhante a uma mortalha ensanguentada, vê-se-lhe o semblante horrendo. A' sua frente está um cadaver sem cabeça, nú, e atirado sobre o chão; elle o parte com sua faca immensa, e amontôa as carnes em um vaso ao fogo junto á si.

Dalzo recuou um instante daquelle painel satânico, e sentio vacilar-se-lhe o coração.

—Monstro!!... Antropófago!!... Balbuciou apenas no estupôr, que lhe causára o assombro.

—Aqui alimenta-se o viajante com carne humana!!... Deus!!...

Disse. E elle teve um pensamento sinistro: ergueu seu capote humedecido da chuva, e desembainhou uma lamina luzente. Depois a pesada e velha porta cedeu ao vigor de seus braços, e se deslocou dos gonzos.

Elle entrou.

A arvore velha da montanha uiva-lhe o vendaval em torno, e ella resmunca desprezo no sussurrar da folhagem: o assassino enraizado no crime é como a arvore velha da montanha, ri-se á face do patibulo. Essa féra humana rio-se, mas não da morte; foi o escarneo de Goliath que lhe espraizou os labios.

O negro ergueu-se hediondo, como o aspecto do crime manchado de sangue. Escancarou a bocca tigrina, e rio com um

rir sepulchral, que similhava o gargalhar de Satanaz ao apparecer-lhe a victima do fogo eterno. Depois brandio a faca mortifera, e precipitou-se sobre o mancebo de um salto como a onça da serra, ou como a panthera faminta do deserto.

Dalzo o recebe, e brada com uma voz terrivel, como a da torrente ao devorar assassinos que lhe passassem o dorso.

—Morre, monstro! Some-te nas fauces negras do inferno!

E o bruto cahio immundo de seu sangue pestifero.

O baque de seu corpo fez tremer o chão, como horrorisado de supportar em seu seio tal monstro.

O semblante contrahio-se-lhe torvo. Os olhos incharão-se-lhe tremulos e avermelhados nas orbitas. E a bocca abria-se-lhe funda e negra como uma cratera infernal. E partio-se-lhe do peito um gemido como o rugir da féra, ou como o arranco extremo de Satan ao cahir de seu orgulho. Estava morto.

Dalzo permaneceu mudo e em pé no estado de entorpecimento do espirito. Era um silencio pavoroso, e só se ouvia o cahir da chuva lá fóra como uma toada funebre áquelle espectaculo de morte. O mancebo quiz desapparecer d'esse sitio sanguento, deu dous passos, mas o som de uma voz suffocada e lúgubre, como se partida de um tímulo fechado, balbuciou duas vezes seu nome:

Dalzo!... Dalzo!...

Um arrepio horrivel correu-lhe por todo o corpo. Os cabellos eriçárão-se-lhe na cabeça, como um hervaçal hirsuto. A face contrahio-se-lhe subito. Os olhos dilataram-se-lhe afogueiados.

—Deus!!... Eglío!!...

Proferio apenas, como se lhe fugisse a vida, e arrojou-se por um declive escavado e tenebroso.

Um fétido mephitico sahia d'ahi, como o ambiente de corpos apodrecidos.

Elle foi palpando na escuridão, e suas mãos resvalavão em paredes de barro, que porejavão um liquido lodoso:

Era um subterraneo.

Seus pés tropeçavão em montões que estalavão como ossos humanos.

E' ahi o matadouro execrando.

Dalzo não trepida. Elle está como louco. A fronte sua-lhe, e o coração estremece; mas elle sente-se com um animo rijo e valente. Avança, e um som como o respirar oppresso de uma pessoa suffocada, vem á seus ouvidos. Elle avança, e abalrôa com um homem. Agarra-o com impeto, e sente cahir-lhe das mãos um objecto pesado como um corpo humano.

O mancebo horrorisou-se.

— Impio!!... Eglío!!...

Bradou como desvairado. E com uma força de gigante, e um frenezi insano, suspendeu o assassino no seu punhal, e esmigalhou-lhe o craneo contra o muro da caverna, e seu cadaver cahio com estrondo.

Então convulso e perplexo, Dalzo arastou suas mãos pelo chão, e levantou em seus braços seu amigo morto. Subio a bocca do subterraneo, e foi deposital-o em um salão quasi nú sobre o soalhado. Ahi estava uma lampada amortecida, elle a collocou junto á cabeça do defunto, e foi cahir sobre uma cadeira velha á seus pés.

Eil-o ahi! E' um cadaver de mancebo. Esse clarão fusco embacia-lhe o aspecto. Sua face está arroxçada, a lingua um palmo fóra, os olhos esbugalhados como os do enforcado, e a bocca e os ouvidos escorrem sangue, em que se envolvem seus cabellos esparsos.

Vês? Era o renovo da planta, e veio o furacão sem freio, e o abateu no chão. Era o passaco errante que buscava seu ninho, e veio o drago sedento e o estrangulou nas garras. Ah! era um innocente sósinho, e veio o sópro do crime, e o precipitou do mundo.

Elle está morto, mas á seu lado Dalzo está vivo ainda.

Cabe-lhe a fronte pezada sobre o seio, os cabellos derramados lhe cobrem a face triste, e os braços lhe pendem ao longo das pernas como dous ramos quebrados.

Ah! E' o filho da desgraça que fraqueia ao peso das maldições de sua mãe.

Elle ergue á cuto sua cabeça doída, e levanta-se.

Vê. E' a estatua da dôr, e a angustia está no desalinho da face. Elle estende os braços para esse cadaver querido co-

mo para dizer-lhe uma só palavra, que elle comprehendeu, e muito — amigo. — Balbucia sons inarticulados. Não pôde fallar, porque mão de ferro lhe comprime o coração. Dá um passo, mas nada vê, porque uma nuvem densa lhe cobre os olhos macerados: é a dôr, é a desesperação que se funde em uma torrente amarga. Cahe sobre a cadeira, esmorecido, sem forças, e chora um rio de lagrimas, como a criança que ficou orphã na terra.

Dalzo, porque desesperas assim?

Ah! Sabes sua historia? E' a historia do que é desposado, e vê sua noiva dormir em uma tumba na cova. E' a historia do que perde sua patria, e lá vai desterrado sobre as ondas. E' a historia do que só tem seu pai no mundo, e enterra seu pai.

Era assim, porque elle amava um homem, e era seu amigo como aquelle que tem muita vida n'alma, muito affecto que transborda: ia vê-lo, entrou, e o achou morto ás mãos de um amaldiçoado de Deos. Sim, e por isso elle chorava. E não era fraqueza, porque esse golpe viera-lhe subito como o cahir do raio, e cavára-lhe o amago, fundo e bastante, como o esbarrar dos caixões da enxurrada o dorso da montanha. E por isso elle chorava no delirio da dôr, d'essa dôr que agita as fibras, como o vento a face das aguas.

Mas elle não permanecerá muito tempo immerso n'esse luto, não; porque seu sentir é muito grande para que se prolongue mais, que isso fôra roer-lhe a vida, lento como o parejar do liquido na rocha.

A tempestade amaina já fôra. Assim como ella assombrou o céu, a desgraça turbou o coração de Dalzo; assim como ella, esta passará breve.

Os ventos d'aurora impellem essa coorte de nuvens errantes. Ellas fogem medrosas do sol, como um bando de mal-fazejos da noite.

Amanhece.

A luz aclara essa habitação que fôra covil de lobos humanos. Ha ahí logares onde jazem mortos insepultos.

Eis um salão calado como um deserto;

n'elle repousa o cadaver de Eglío. Elle inda está sobre esse chão, que talvez seja para sempre seu leito. Sua cabeça inda está immovel, e sua bocca entreaberta inda conserva esse sangue coalhado nos cantos, e seus olhos inda tem a vermihidão baça dos do enforcado, e inda a seu lado está essa lampada apagada. Elle é um defunto sem tumba, sem cirio, que não sejam o chão da terra, e a luz do astro de Deos.

Mas quem véla junto d'esse morto?

Um mancebo: Dalzo, seu amigo.

Elle ahí está, mudo e immovel como uma mumia do Egypto. Chorou muito, mas agora parou-lhe o curso d'esse pranto desabrido, gelou-se-lhe a fonte d'essas lagrimas; porque uma idéa sinistra pou-sou-lhe na fronte, e petrificou-lhe o aspecto. Comtudo lá dentro se estorce sua alma como nas vascas da morte: é uma ancia acerba; e o confranger-se em angustias, como o volcão antes de arremessar a lava.

E porque tudo isso?

Porque seu coração estava oppresso como sob a terra de uma sepultura: era a dôr. E sua razão perdida vacillava pelo desanimo do espirito, e elle só via um vacuo na terra: era a desesperança.

Sim, porque esse amigo era a luz de sua vida, e porque elle morreu Dalzo tambem morre.

Vê.

Elle ahí está mudo, extatico ante o corpo inanimado de Eglío.

Que lhe apparecessem agora as scenas mais horribeis do mundo, que a natureza se espedaçasse lá fóra, elle não ergueria a cabeça.

Ha um espaço immenso ante seus olhos, sem movimento, sem fôrma, como a amplidão dos céos; e esse espaço rouba-lhe todos os sentidos, excepto a vista. Elle só vê uma mancha de sangue: é um cadaver; e olha para ella como se toda sua força, toda sua existencia se concentrasse n'isso.

Depois d'essa explosão da dôr em lagrimas, Dalzo está assim, e elle morrerá talvez como o cataleptico n'esse estado de inanimação do marmor. Mas... não... elle estremece como o somnambulo quan-

do se lhe agitação as fibras : é que o pezadelo da dôr se acorda em sua alma.

Levanta-se. Volta a cabeça em torno de si com um olhar debil. Fixa um instante os objectos, e ri com um rir de escarneo ensopado de todo o fel do amargor d'alma. Disseras vêr o despertado do seio da desgraça, sua mãe, erguer-se-lhe do collo, e cuspir-lhe á face a irrisão hervada de desprezo, em troco d'esse somno, que lhe faz trevazar angustiado coração.

Dalzo arranca um punhal. Vai-lhe talvez na ponta a vida.

Mas quem és tu, desconhecido, que lhe suspendes o braço ?

—Viajante n'estas serras.

—Desgraçado ! que pensamento horrivel te desvaira em face de um cadaver ?!

O estranho disse.

O mancebo recuou o ferro, apontou o chão ao desconhecido e fallou :

Vês ? está ahí, morto, banhado em seu sangue ! Matou-o um impio que cejava os homens com carne humana. Esse monstro ? Suffoquei-lhe a guela sedenta n'estas mãos homicidas. Outro malvado seu irmão no crime ? Matei-o tambem. Vês esta lamina ? Inda está polluta de seu sangue putrido. Elles dormem lá com os espiritos infernaes em seus antros hediondos, cobertos de craneos humanos.

Vai, e os verás sobre o chão immundo da podridão de suas victimas. Sabe que esse, que vês ahí morto, era como se fosse meu pai, minha mãe, minha familia, meu tudo na terra, porque eu só o tinha só ; e porque o perdi, e porque meu peito está lacerado de dôr até ás entranhas, não quero mais viver. Que a luz de Deos se me apague aqui n'este mundo, nú para mim como um deserto ensanguentado. Foge, se não queres, vê o resto da minha desgraça. Nem peço que enterres o meu corpo ; mas se o fizeres, seja longe d'este sitio amaldiçoado, lá no amago de algum abysmo na serra, que nenhum homem saiba, quero dormir só com elle, e que Deus nos veja.

Afasta-te. Muito te hei dito.

Dalzo disse, e suas palavras soárão

aos ouvidos do estranho, como o tinir dos gladios de uma briga de morte.

Em vão quiz detel-o esse homem, porque já o punhal dormia no seio do suicida, e seu corpo dormia tambem ao lado do de seu amigo.

—Deus !

Balbuciou apenas esse espectador de uma scena sinistra, e com um gemido, como o de que tem a alma preza á horrivel idéa, abandonou esse sitio sanguento.

Pirahy, 16 de Maio de 1857.

Zoroastro Augusto Pamplona.

PARECER

LIDO NA SESSÃO DE 24 DE SEPTEMBRO DO CORRENTE ANNO NA ASSOCIAÇÃO BRASÍLIA SOBRE A THESE :

Qual o seculo mais brilhante ?
Ode Augusto ou de Luiz XIV ?

SENHORES !

Se nas planicies de Pharsalia Roma perdeu a sua liberdade e entregou-se nos braços de tres despotas, que com a esponja do interesse procuravam apagar o ultimo vislumbre d'aquella virtude que outr'ora tinha dado tantos heroes : se na bahia d'Actium duas das vontades poderosas, que regiam o imperio romano, desapareceram para subsistir a mais astuta ; se Roma, como dizia, tinha perdido a sua liberdade e a porta da gloria se achava fechada ; Roma entrava em um caminho não menos glorioso do que aquelle que trilhára nas guerras punicas, esse caminho era o da litteratura. Octavio, que proclamando o imperio concentrava todos os poderes em sua pessoa, e querendo fazer o povo esquecer-se dos seus crimes quando triumviro ; arrancando as armas da mão do povo, fez com que fosse procurar descanso no cultivo das letras, e a protegeo de tal sorte que em breve appareceo um seculo tão brilhante como o de Pericles.